

“Os especuladores querem picar o burro”

20 JUL 1997

JORNAL DO BRASIL

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES*

“Todos os países do Terceiro Mundo que se endividam desbragadamente, no exterior ou internamente, e que fazem uma política de abertura comercial desvaireada, quando chegam a uma situação de balanço de pagamentos crucial, com uma absorção externa de recursos da ordem de 4,5% do PIB, que é o nosso caso, dificilmente conseguirão evitar um ataque especulativo contra sua moeda.

Agora, esse ataque é mais provável quando, além dessa política selvagem, foi feita uma valorização cambial muito grande. Para financiar os déficits sucessivos de balanço de pagamentos e aumentar reservas, o país está obrigado a ter um cupom de juros sobre o dólar muito alto. Isso atrai para os mercados financeiros de risco muito dinheiro. Além disso, como foram prometidas as privatizações, houve uma valorização em bolsa muito grande puxada por esses capitais.

Todo esse dinheiro não tem

nada a ver com garantia de reservas, nem com investimento direto, nem com coisa nenhuma. Cada vez que tem alguma especulação, ou na bolsa, ou no mercado de câmbio, ou uma subida nos juros americanos, há uma perturbação nos mercados mundiais, porque essa montanha de dinheiro opera em todas as praças. Isso mostra como estamos altamente vulneráveis.

Mas isso é o de menos. Na crise do México, em 1994, já estávamos vulneráveis. Na época, deu para sair do buraco com uma minidesvalorização de uns 7%. Ali, você ainda podia ter feito uma desvalorização maior para sair da armadilha juros altos-câmbio valorizado. Todo mundo avisou aqui no Congresso, eu, o Delfim, o Dornelles. Mas o menino do câmbio, o Gustavinho (Franco, diretor do Banco Central), nunca prestou atenção ao Congresso.

Ademais, ele está convencido de que, assim como isso foi fundamental para o presidente da República se eleger da primeira

vez, continua a ser fundamental para se eleger de novo. Agora, ele tem mais uma razão: Nós estamos em uma situação limite do ponto de vista da vulnerabilidade das contas externas.

As perdas — Não é só o problema do déficit comercial e de transações correntes. O próprio Gustavo Franco sempre disse que o que importava era a conta de capital. É verdade. Só que a conta de capital mostra que nós já perdemos reservas este ano. Estamos com cerca de US\$ 55 bilhões, contra os US\$ 60 bilhões do ano passado, apesar de termos privatizado uma série de grandes empresas, como a Vale.

Não dá para contar com o dinheiro das privatizações, como diz o governo, porque o grosso não vem de fora. A estimativa do BNDES, de que dos US\$ 85 bilhões que entrarão nos próximos anos com as privatizações 40% vêm do exterior, é exagerada. Mesmo que os estrangeiros comprem, esse dinheiro não precisa vir de fora, porque eles já estão aqui dentro. Podem tirar da bolsa

ou do mercado financeiro para comprar. Eles já têm aqui dentro cerca de US\$ 80 bilhões, por que trazer de fora? Já dá para comprar o patrimônio público todo.

A partir deste ano, mesmo com a entrada de capitais prevista pelo governo, de US\$ 30 bilhões líquidos, já temos necessidade de financiamento externo da ordem de US\$ 52 bilhões a US\$ 55 bilhões. As contas a pagar já consomem tudo o que há de reservas: o déficit de transações correntes deve chegar a US\$ 33 bilhões e as amortizações da dívida externa consumirão mais US\$ 22 bilhões. O que entrar já não financia mais o que temos que pagar. Não há como imaginar que os investimentos diretos estrangeiros substituam essa montanha de dinheiro.

Qualquer marola que ocorrer fazendo com que em vez de entrar, saia capital, nos levará lá-debaixo. Os especuladores sabem disso. Eles não só estão todos securitizados em dólar, para passar a dívida para a viúva, como já estão querendo picar o

burro. Eles têm medo que haja um colapso, por mais que a credibilidade do presidente em Washington seja grande, isso são palavras. Os mexicanos também falam.

Déficit maior — O diretor de câmbio disse que nós não somos o México, não somos os tigres asiáticos. É verdade, nós estamos muito pior. O México, os Estados Unidos têm que financiar. E os tigres tinham US\$ 200 bilhões de exportações e um déficit em transações correntes de US\$ 25 bilhões. Não é o nosso caso. Temos uma merreca de exportações e um déficit em transações correntes muito maior. Só mesmo torcendo para que o capital nos ache sedutores.

Hoje, a crise não depende mais do que faça ou não faça o governo. Depende de marola externa. Qualquer marola, a água vai ao nariz: para a entrada de capitais e, em vez disso, temos saída.

Os técnicos do Banco Mundial acham que o governo deveria desvalorizar o câmbio em no mínimo 15%. E logo. Isso é possível deva-

garinho, em dois anos. Resta saber se dá para aguentar todo esse tempo.

Não há dúvida que eles vão ter que aumentar os controles cambiais disfarçadamente, começar a desvalorizar não tão disfarçadamente que o mercado não perceba, impor controles maiores sobre importações, cortar um pouco das viagens, os cartões de crédito. Não dá para financiar um déficit de transações correntes superior a US\$ 33 bilhões. Isso é 4,5% do PIB. É a marca fatídica.

Por quanto tempo? Até o ano 2000, no mínimo. Com este presidente ou outro. Não tem saída, não é um milagre. O problema não é trocar de presidente. A armadilha já foi montada. É uma situação estrutural a que este governo nos conduziu com três anos de política econômica de sobrevalorização cambial e altíssimas taxas de juros. E, portanto, promovendo ele mesmo, movimentos especulativos”.

* Economista e deputada federal do PT-RJ
(Depoimento dado à repórter Sonia Jora)